

**COLÓQUIO POEPOLIT
O POÉTICO E O POLÍTICO NA ACTUALIDADE**

Mesa Redonda 4 - “O poético e o performático: Alberto Pimenta, Anton Deixa e PO.EX”

Lúcia Liberato Evangelista (Universidade do Porto)

O poeta, o *performer*, o profanador: o enunciado performativo e a *contraversão* do poder em Alberto Pimenta.

Na obra de Alberto Pimenta não são poucas as vezes que o contexto de validação institucional da literatura e da cultura — discursos (prefácios, notas de rodapé, inquéritos, entrevistas); eventos (lançamento de livros, conferências) e figuras de autoridade intelectual (professor, doutor, reverendo) surgem numa contravenção e numa contraversão da autoridade e da legitimação. Tomando como ponto de partida a noção de “performativo” de J.L.Austin e as abordagens e críticas acerca dessa noção por Foucault, Derrida, Benveniste, Judith Butler e Giorgio Agamben — no sentido de um “falar que é jurar”, no qual o humano se dá no embate ético entre linguagem e ação — queremos abordar as diversas formas com que Alberto Pimenta subverte a institucionalização da cultura performatizando e desconcertando os rituais que a valida.

1ª página do "Discurso Preliminar",
Alberto Pimenta, *Os Entes e os Contraentes*,
Ed. do Autor, 1970, p. 7 a 14.

discurso preliminar

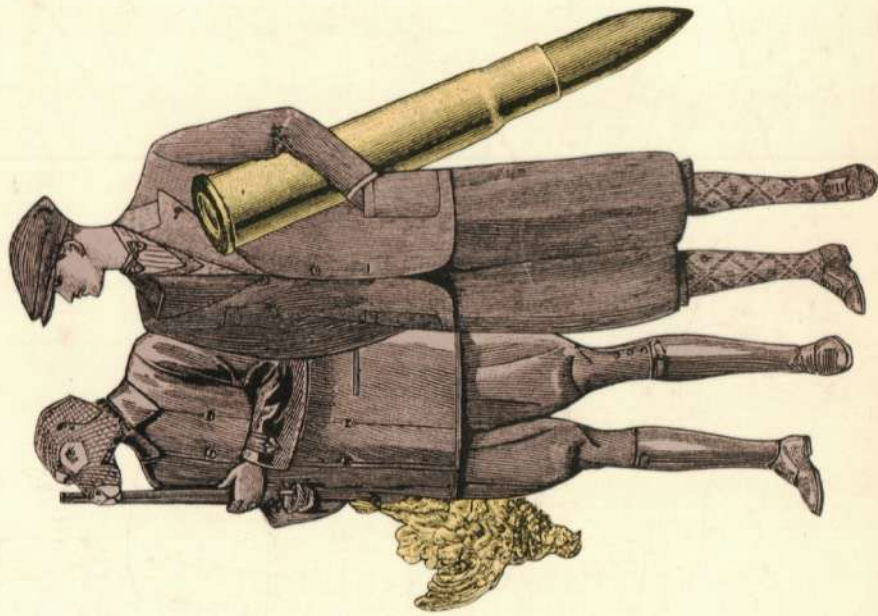
.....
.....
..... I
.....
.....
..... 2.
«.....»,
.....
..... «.....»
.....
..... —
.....
.....
..... «.....»;
.....
..... ! 3

-
- 1 Porque esta questão não se põe apenas a respeito da poesia, mas também a respeito do homem; o melhor, no entanto, será pô-la a respeito de tudo. Cf. H. Emerenciano, *A Importância da Vida*, I, 5.
 - 2 A sua função não é apresentar certezas, porque as certezas constituem um obstáculo à progressão do conhecimento, sendo este, como é, o único garante de um dia se poder vir a atingir a certeza.
 - 3 Assim é, com efeito. Op. cit., II, 37.

**Contracapa *Corpos Estranhos*,
Alberto Pimenta, ed. do autor, 1973.**

poeta clássico, cuja plenitude linguística e
existencial fascina e confunde, atingindo a
significância e as dimensões de um moderno.

Prof. Capêlo Telles



poeta moderno, cuja plenitude linguística e
existencial fascina e confunde, atingindo a
significância e as dimensões de um clássico.

Prof. Telles Capelo

“Nota Introdutória”
Jogo de Pedras antologia 1970-1980 (com interferência das pretas),
Alberto Pimenta, Appia, 1980.

NOTA INTRODUTÓRIA

Tem por fim esta nótula despertar a atenção dos jovens de todas as idades, desde que interessados na elaboração poética presente (e não passadiças nem mistificatória) para esta experiência de Alberto Pimenta.

Inicialmente poderíamos supor que se trata de um autor de vanguarda preocupado com muitas coisas perigosas... inicialmente suspeitamos de mais uma manobra para nos iludir.

Uma sátira ineficaz como todas as sátiras que os poetas burgueses até hoje escreveram.

Quase diríamos com o povo que «quem não tem que fazer faz colheres».

Se descontarmos as indecências de composições como «Letra para Brioché e Fagotin», «Semiótica», «Diner's club», «Omega e Alpha», tudo (ou quase tudo) o mais é absolutamente inócuo.

Por outro lado, são lamentáveis expressões grosseiras, em várias páginas, e referências incorrectas a pessoas ou famílias, mais ou menos identificáveis.

Divertimo-nos todos: ele, poeta, e nós, leitores. Quando acabará, porém, este pueril divertimento da poesia nacional?

Um objectivo, parece-nos, decorre ainda da concepção que o autor deve ter destas coisas a que se dedica: oferecer ao leitor a possibilidade de ele fazer a sua leitura de (sobre) um texto aberto...

Os textos são sobre as pequenas-grandes-monstruosidades da existência humana alienada, desde o plano individual até ao plano social e colectivo.

Textos escatológicos, ferozes, quotidianamente cáusticos, atirando o esgar e o grito, o sorriso e o riso, a face e a contra-face de uma «cultura», de uma «polis», «continentemente» universal. Aqui e agora. Nesta nossa sociedade de consumo, de embalagem de plástico...

É todo um mundo da linguagem que aqui se destrói impiedosamente em muitos dos seus vícios, doenças incuráveis, senilidades.

Quem prestar a necessária atenção a um texto como «Transcrição» há-de verificar que aqui são postos radical — revolucionariamente — em causa a verdade factual, a sua transposição verbal, o nexos entre o sujeito e o evento, o sujeito e a palavra.

Complicado? Não, bem simples. Compreendido o que interpreto aí em cima, nada existe na obra de Alberto Pimenta que não seja o desencontro de farrapos de instinto vendidos a retalho. Num ferro-velho. Ou neste asilo de alienados que é o mundo. Isto não lhe dá vontade, leitor, de ler Alberto Pimenta? Tente. É novo, e é diferente.

Mas o que pretende ele dizer-nos? Provavelmente a cada um de nós uma coisa diferente: o que para mim chega «virado» de um lado, para uma leitura precisa, clara, pode chegar «virado» ao contrário de lido assim, por outro leitor, pelo outro lado...

Poeta? não-poeta? impostor? grafista da linguagem?

Mas Alberto Pimenta escapa a essas e outras coisas: o seu domínio é antes o do humor, humor amargo, português, indo da truculência ao desespero, e tendo a servi-lo uma culturística de muitos anos.

Finalizo: para não induzir o leitor em erro: o livro é para os artistas e intelectuais Lda., mas para todos, rapidamer

* Acerca da autoria desta Nota, vide pág. 118.

NOTA INTRODUTÓRIA

Tem por fim esta nótula despertar a atenção dos jovens de todas as idades, desde que interessados na elaboração poética presente (e não passadiças nem mistificatória) para esta experiência de Alberto Pimenta.

Inicialmente poderíamos supor que se trata de um autor de vanguarda preocupado com muitas coisas perigosas... inicialmente suspeitamos de mais uma manobra para nos iludir.

Uma sátira ineficaz como todas as sátiras que os poetas burgueses até hoje escreveram.

Quase diríamos com o povo que “quem não tem que fazer faz colheres”.

Se descontarmos as indecências de composições como “Letra para Brioché e Fagotin”, “Semiótica”, “Diner's club”, “Omega e Alpha”, tudo (ou quase tudo) o mais é absolutamente inócuo.

Por outro lado, são lamentáveis as expressões grosseiras, em várias páginas, e referências incorrectas a pessoas ou famílias, mais ou menos identificáveis.

Divertimo-nos todos: ele, poeta, e nós, leitores. Quando acabará, porém, este pueril divertimento da poesia nacional?

Um objectivo, parece-nos, decorre ainda da concepção que o autor deve ter destas coisas a que se dedica: oferecer ao leitor a possibilidade de ele fazer a sua leitura de (sobre) um texto aberto...

Os textos são sobre pequenas-grandes-mosntruosidades da existência humana alienada, desde o plano individual até ao plano social e coletivo.

Textos escatotógicos, ferozes, quotidianamente cáusticos, atirando o esgar e o grito, o sorriso e o riso, a face e a contra-face de uma “cultura”, de uma “polis”, “continentalmente” universal. Aqui e agora. Nessa nossa sociedade de consumo, de embalagem de plástico...

É todo um mundo da linguagem que aqui se destrói impiedosamente em muitos dos seus vícios, doenças incuráveis, senilidades.

Quem prestar a necessária atenção a um texto como “Transcrição” há-de verificar que aqui são postos radical — revolucionariamente — em causa a verdade do sujeito factual, a sua transposição verbal, o nexa entre o sujeito e o evento, o sujeito e a palavra.

Complicado? Não, bem simples. Compreendido o que interpreto aí em cima, nada existe na obra de Alberto Pimenta que não seja o desencontro de farrapos de instituto vendidos a retalho. Num ferro-velho. Ou neste asilo de asilo de alienados que é mundo. Isto não lhe dá vontade, leitor, de ler Alberto Pimenta? Tente. É novo, é diferente.

Mas o que pretende ele dizer-nos? Provavelmente a cada um de nós uma coisa diferente: o que para mim chega “virado” de um lado, para uma leitura precisa, clara pode chegar “virado” ao contrário de lido assim, por outro lado leitor, pelo outro lado...

Poeta? não-poeta? impostor? grafista da linguagem?

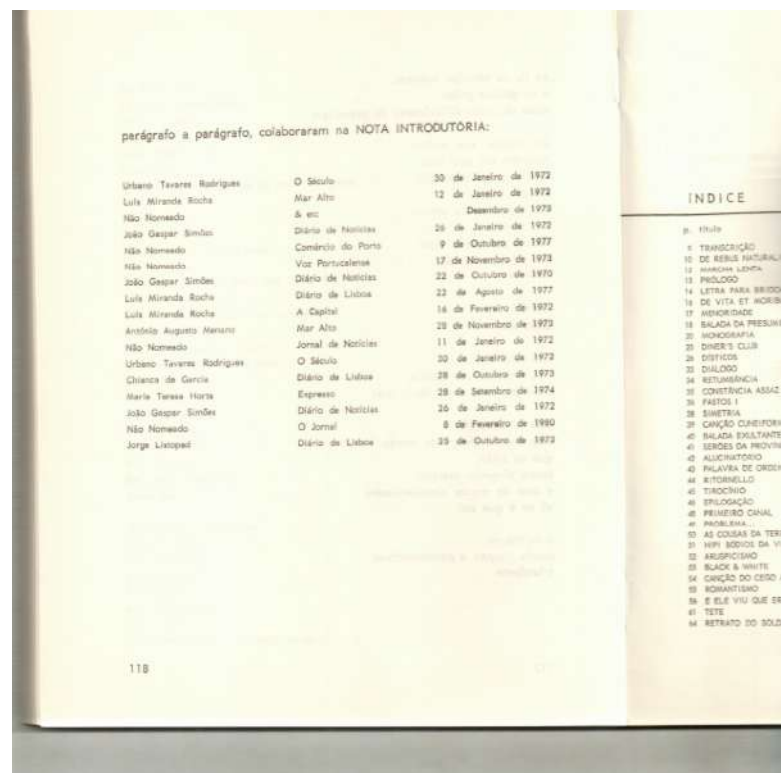
Mas antes Alberto Pimenta escapa a essas e outras classificações: o seu domínio é antes o do humor, humor amargo, português de raiz, indo da truculência ao desespero, e tendo a servi-lo uma cultura humanística de muitos anos.

Finalizo: para não induzir o leitor ao erro: o livro não é só para os artistas e intelectuais Ltda., mas ora todos, rapidamente. *

* Acerca da autoria desta Nota, vide página 118.

página 118

***Jogo de Pedras antologia 1970-1980 (com interferência das pretas),
Alberto Pimenta, Appia, 1980.***

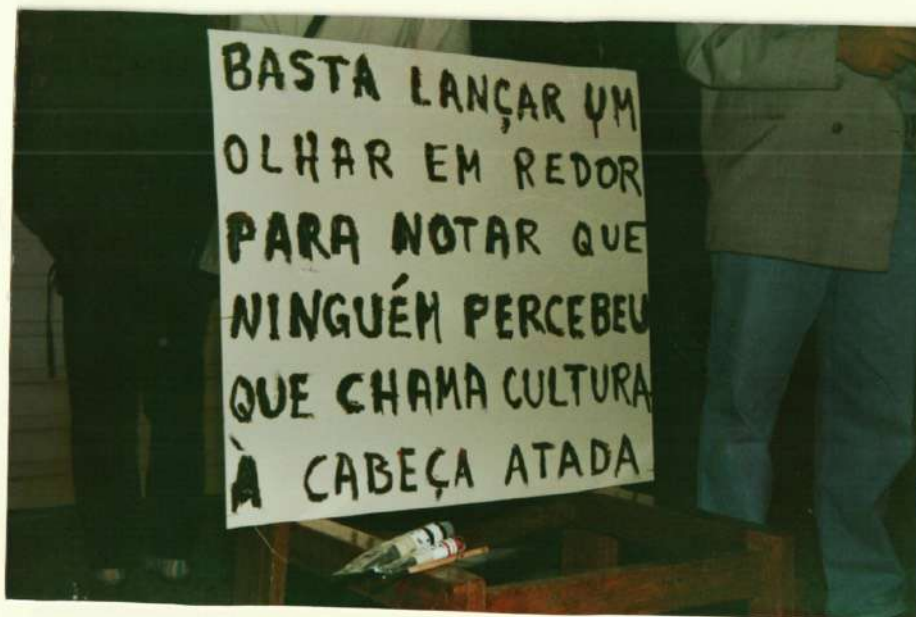


Ação Feira do Livro de Lisboa 1991

TELES, Viriato (1991)

“O silêncio de Pimenta”, *O Jornal*, Periscópio, Lisboa, 14 de junho, p.39.

«Em ação de protesto contra “as afitivas cabeças desse ramo da ordem chamado cultura”, Alberto Pimenta queimou publicamente seu livro mais consagrado» (Teles, 1991: 39).



PERFORMATIVO - ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

AUSTIN, John Langshaw

(1962) *How to do things with words*; ed.ut: *Quando dizer é fazer*, trad. Danilo Marcondes de Souza Filho, Artes Médicas, Porto Alegre, 1990.

«O termo "performativo" será usado em uma variedade de formas e construções cognatas, assim como se dá com o termo "imperativo". Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo "ação", e indica que ao se emitir o proferimento está-se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo» (1962: 25).

«Por certo que estas palavras têm de ser ditas "com seriedade" e de modo a serem levadas "a sério". Embora um tanto vago, isto é bem verdade de modo geral, e é também um importante lugar comum em toda discussão que envolva um proferimento. Não devo estar, digamos, pilheriando ou escrevendo um poema» (1962: 27).

«(...) um procedimento performativo será, digamos, sempre vazio ou nulo de uma *maneira peculiar* se dito por um ator no palco, ou se introduzido em um poema, ou falado em um solilóquio. De modo similar, isto vale para todo e qualquer proferimento, pois trata-se de uma mudança de rumo em circunstâncias especiais. Compreensivelmente a linguagem, em tais circunstâncias, não é lavada ou usada a sério, mas de forma parasitária em relação a seu uso normal, forma esta que se inclui na doutrina do *estiolamento* da linguagem*. Tudo isso fica excluído de nossas considerações. Nossos proferimentos performativos, felizes ou não, devem ser entendidos como ocorrendo em circunstâncias ordinárias» (1962: 36).

BENVENISTE, Émile

(1966) *Problemes de linguistique générale*; ed.ut: *Problemas de Linguística Geral*, trad. Maria Glória Novak e Luiza Neri, revisão de Isaac Nicolau Salum, Companhia Editora Nacional - Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

«*La philosophie analytique*», Paris, Éditions de Minuit, 1962
(Cahiers de Royaumont, Philosophie, n° IV).

«De qualquer maneira, um enunciado performativo não tem realidade a não ser quando autenticado como *ato*. Fora das circunstâncias que o tornam performativo, esse enunciado não é mais nada. Qualquer um pode gritar em praça pública: *decreto a mobilização geral*. Não podendo ser *ato* por falta da autoridade requerida, uma afirmação dessas não é mais que *palavra*; reduz-se a um clamor inane, ciancice ou demência. Um enunciado performativo que não é ato não existe. Só tem existência como ato de autoridade. **Ora, os atos de autoridade são, em primeiro lugar e sempre, enunciações são proferidas por aqueles a quem pertence o direito de enunciá-los. Essa condição de validade, relativa à pessoa enunciativa e à circunstância da enunciação, deve supor-se preenchida sempre que se trate do performativo» (1962: 301, 302)**

DERRIDA, Jacques

(1977) "Signature Event Context"; *in: Limited Inc*; translation Samuel Weber and Jefferey Mehlman, Northwestern University Press, Evanston, IL.

«Austin thus excludes, along with what he calls a "sea-change," the "non-serious," "parasitism," "etiolation," "the non-ordinary" (along with the whole general theory which, if it succeeded in accounting for them, would no longer be governed by those oppositions), all of which he nevertheless recognizes as the possibility available to every act of utterance» (1977:16, 17).

«Could a performative utterance succeed if its formulation did not repeat a "coded" or iterable utterance, or in other words, if the formula I pronounce in order to open a meeting, launch a ship or a marriage were not identifiable as conforming with an iterable model, if it were not then identifiable in some way as a "citation"?» (1977: 18)

BUTLER, Judith

(1997) *Excitable Speech. A Politics of the Performative*, Routledge, New York & London.

«If a performative provisionally succeeds (and I will suggest that "success" is always and only provisional), then it is not because an intention successfully governs the action of speech, but **only because that action echoes prior actions, and accumulates the force of authority through the repetition or citation of aprior and authoritative set of practices. It is not simply that the speech act takes place within a practice, but that the act is it self a ritualized practice.** What this means, then, is that a performative "works" to the extent that *it draws on and covers over* the constitutive conventions by which it is mobilized. In this sense, no term or statement can function performatively without the accumulating and dissimulating historicity of force» (1997: 51)

«The performance of legitimacy is the credible production of the legitimate, the one that apparently closes the gap which makes it possible» (1997: 151)

«Within the political sphere, performativity can work in precisely such counter-hegemonic ways. That moment in which a speech act without prior authorization nevertheless assumes authorization in the course of its performance may anticipate and instate altered contexts for its future reception» (1997: 159, 160)

«On the other hand, **I would insist that the speech act, as a rite of institution, is one whose contexts are never fully determined in advance, and that the possibility for the speech act to take on a non-ordinary meaning, to function in contexts where it has not belonged,** is precisely the political promise of the performative, one that positions the performative at the center of a politics of hegemony, one that offers an unanticipated political future for deconstructive thinking» (1997: 161)

AGAMBEN, Giorgio

(2011) *Il Sacramento del linguaggio. Archeologia del giuramento*; ed. ut: *El Sacramento del Lenguaje. Archeología del juramento*, traducción de Antonio Gimeno Cuspinera, Pre-textos, 2011.

«Lo que hoy denominamos performativo en el sentido estricto (los *speech-acts* yo “juro”, “prometo”, “declaro” etcétera, que deben, significativamente, ser proferidos siempre en primera persona) son la reliquia en el lenguaje de esta experiencia constitutiva da palavra — la veridicción — que se agota con su pronunciación, porque el sujeto locutor no es preexistente a ella ni tampoco se le une después, sino que coincide por completo con el acto de palabra» (2011: 88)